

**DIBUK**



# DIBUK

**GILBERTO  
SCHWARTSMANN**



*Editora Sulina*

Copyright © Gilberto Schwartzmann, 2023

Capa: Humberto Nunes (Pavel Filonov – *Duas cabeças. Canalhas*, 1925)

Editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Simone Ceré

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

S399d      Schwartzmann, Gilberto  
              Dibuck / Gilberto Schwartzmann. -- Porto Alegre: Sulina, 2023.  
              216p.; 14x21cm

ISBN: 978-65-5759-126-0

1. Literatura Brasileira – Contos. 2. Contos Brasileiros. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-34

CDD: B869

---

Todos os direitos desta edição são reservados para:

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3110.9801

[www.editorasulina.com.br](http://www.editorasulina.com.br)

e-mail: [sulina@editorasulina.com.br](mailto:sulina@editorasulina.com.br)

Novembro/2023

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

*Dedico este livro ao meu neto, Daniel.  
Espero que dentro de alguns anos ele leia  
e goste das histórias escritas por seu avô.*

*“E a expectativa do mal é talvez pior  
do que parece o mal presente.”*

*Gerusalemme Liberata, Canto I,  
Torquato Tasso, 1581.*

# SUMÁRIO

- 9 | Apresentação
- 13 | Dibuk
- 35 | Rivka
- 44 | O ataque de Dona Maike
- 72 | O noivo argentino
- 99 | Pema Jigme
- 107 | Três senhoras respeitáveis
- 140 | O mistério do mikva
- 157 | Carmen
- 168 | A múmia
- 189 | O Senhor Rudy



# APRESENTAÇÃO

Na versão taquigráfica de sua conferência intitulada “La Literatura Fantastica”, no “Ciclo Cultural” organizado pela Escuela Camillo y Adriano Olivetti, publicada em Buenos Aires, no ano de 1967, Jorge Luis Borges diz ter compilado um “manual de zoologia fantástica”, onde estão listados os animais imaginários decorrentes da “arte combinatória” que produz o minotauro, híbrido de homem e de touro; o centauro, mistura de homem e de cavalo; o dragão, fruto da serpente e do pássaro; e o temido lobisomem, misto de homem e de lobo. Se a literatura realista trata das situações comuns do cotidiano dos seres humanos, a literatura fantástica obedece aos limites – ou ausência de limites – de nossas fantasias.

“O falecido Mr. Elvesham” é um conto de H. G. Wells publicado em 1897, numa coletânea intitulada *A história de Plattner*. A história que dá título à obra fala sobre a observação de que os lados direito e esquerdo do tal senhor Plattner, o protagonista, foram invertidos. A credibilidade da história se baseia na demonstração do fato, pois não há forma de mover alguém no espaço de modo a

produzir uma transposição dos seus lados, salvo se houver uma nova dimensão – se algo sobrenatural ocorrer. No conto “O falecido Mr. Elvesham”, H.G. Wells descreve a história do jovem estudante Edward George Eden, que tem a sua alma transferida e aprisionada no corpo de um velho filósofo de nome Egbert Elvesham.

Ainda que o desejo de Elvesham seja a eterna juventude, a história mostra que, mesmo ocupando o corpo de Eden, isso não lhe garante a sobrevivência. O jovem narrador-personagem, um pouco antes de seu suicídio, informa ao leitor ter consciência de que a sua história não é crível, mas ainda assim ele a quer narrar. Fica a sensação de que é impossível saber se o narrador está ou não louco. Quem sabe os dois são a mesma pessoa, como se o velho fosse nada mais que o eu envelhecido do jovem; ou o velho fosse o pesadelo do jovem e o jovem o delírio do velho. Por ironia, nem um nem outro realizam a sua fantasia. O “duplo sobrenatural” é assim uma substituição fugaz, o original acaba se reencontrando na reafirmação da unidade do ser.

Este tipo de narrativa é marcado pela dualidade, flertando com a loucura, sem nunca se definir completamente. O universo do fantástico está no duplo, na sucessão de fatos inusitados motivados pelas questões existenciais das personagens e do narrador. A emergência do fantástico reside justamente na dúvida de quem conhece as leis da realidade, mas vive algo aparentemente sobrenatural, que faz com que haja a possibilidade de que possa ser verdadeiro. Como diz Todorov, para que a literatura fantástica funcione para o leitor, a história deve ser “algo

que quase se admite acreditar”, pois depende de algumas condições para tornar-se verossímil.

É preciso que o texto leve o leitor a considerar o universo das personagens da história algo que faz sentido num mundo de seres vivos, mas cujas circunstâncias deixem dúvida entre a sua explicação natural e outra nem tanto. Essa hesitação deve ser igualmente vivida pela personagem; e o leitor precisa se identificar com a história, negando a sua simples interpretação “poética”. Se a trama puder ser explicada pela realidade, não se trata de literatura fantástica. Mas se a narrativa admitir novas ou alternativas leis da natureza, surge o que chamamos de magia, o que pode ser considerado fantástico.

As conversas sobre o *dibuk* aparecem nas comunidades judaicas do centro da Europa entre os séculos XVI e XVII. Falam de casos de pessoas antes normais e que incorporam espíritos maus, em circunstâncias pouco esclarecidas, que produzem comportamentos estranhos e transtornos mentais. A causa é a influência de um *dibuk*, um espírito maligno condenado a vagar pelo mundo devido a seu passado de maldades. Os judeus mais antigos associavam a presença do *dibuk* às catástrofes, destruições, brigas e tragédias familiares. Para solucionar esse tipo de desgraça, a única chance seria a intervenção de um rabino com poderes sobrenaturais – uma espécie de exorcismo –, através da qual o *dibuk* seria expulso do corpo da pessoa. Era a única forma de sua vítima poder retornar à vida normal.

Na virada para o século XX, um escritor russo de nome Schloime Rapaport escreveu uma peça teatral intitulada *O dibuk*, que se tornou muito conhecida no teatro

popular ídiche. Nas histórias colhidas de judeus russos e ucranianos, havia crenças populares que falavam de uma jovem noiva que havia sido possuída por um *dibuk*. Eles acreditavam que se tratava de um espírito de alguém que havia morrido nas vésperas de seu casamento. Decidi dar a esta obra o título *Dibuk* por algumas das histórias nela narradas terem sido impregnadas pelo chamado “demônio dos judeus”. São relatos que escutei de pessoas da minha família, de amigos e de conhecidos, alguns deles que chegaram a mim de modo fragmentado, incompleto ou com o seu final omitido. Isso se deve a razões de ordem moral, por respeito ao passado de algumas pessoas ou por simples pudor de não expor desnecessariamente as pessoas e as famílias envolvidas.

As histórias sobre as “polacas” representam um caso à parte. Muitas vezes, conscientemente ou não, os povos e as pessoas decidem omitir ou invisibilizar certas partes de sua história que lhes pareçam vexatórias ou comprometedoras. Isso decorre de um sentimento coletivo de proteção à sua imagem. O escritor Moacyr Scliar, certa vez, comentou em uma conferência que havia escrito uma crônica de jornal na qual mencionou a história das “polacas”. Dias depois, uma senhora judia interpelou-o enquanto ele caminhava pelo bairro Bom Fim, na cidade de Porto Alegre, dizendo que ele não tinha o direito de escrever certas coisas que “depreciavam o seu próprio povo”. O fato é que quase todas as histórias aqui relatadas têm como fonte a realidade.

G.S.